


Gente de PALAVRA

revista n° 39



**Mariana
Teixeira**



**Lilian
Rose
Marques
da Rocha**

Adão Wons Adilson Roberto Gonçalves Ana Oliveira Antonio Miotto Arnault L. Dias Auber Fioravante Júnior
Benette Bacellar Bruna Clavé CFBB Claudinei Vieira Cristina Macena Daniel Brito Davi Kinski Denivaldo Piaia
Diego Petrarca Douglas Bunder Edison Gil Ellen Maria Felipe Magnus Fernando Monfardini Hélio Sena
Henrique Veber Hero Rodrigues Ivanise Mantovani Jaime de Andruart Janiele Marinho Jeanine Will Jonatan O
Borges JPetermann Leandro Martins de Jesus Lenilson Oliveira Lilian Rose Marques da Rocha Madalena Ferrante
Pizzatto Marcelo Ignácio Marcelo Rutshell Maria da Glória Jesus de Oliveira Mariana Teixeira Mauro Andrade Moura
Michele Santos Milton Rivaldo Trindade Nathália Dumit Ngl* Nijair Araújo Pinto Odair Fonseca de Souza Oca
Paulo Monteiro Ricardo Mainieri Rogério Miranzelo Ronaldo Henrique Barbosa Junior Sergio Almeida Simião
Mendes Tales Jaloretto Tatiana Alves Teresinka Pereira Thiago Nelsis Vitor Gans Vivian de Moraes Zecarlinho

Lilian Rose Marques da Rocha é uma e é muitas. É farmacêutica pós-graduada em homeopatia e especialista em análises clínicas. É musicista com formação em violão popular e clássico, teoria musical, teclado, técnica vocal, harmonia e improvisação. É instrutora de biodanza, professora de técnica vocal e coordenadora vocal de corais e grupos vocais. É mulher e é negra, características que fazem parte do seu ser e estão presentes em tudo o que ela realiza; mais que biologia esta condição gera pertencimento e identidade que transparece em seus textos, porque ela também é poeta. Poeta que é presença frequente em nossa revista e que faz parte da coordenação do Sopapo Poético, um sarau maravilhoso da comunidade negra de Porto Alegre. Dedicando-se à expressão total de corpo, de voz e escrita, Lilian Rose Marques da Rocha é Gente de Palavra.

RMM

Versos soltos

Negro
Palco de magia
Marcado pela história
Bruta
Contada em versos soltos
Da mãe preta memória
Bendita
Lembrança que não apaga
A verdade de um povo
Presente
Em todos os momentos
De fracasso e vitória
Porém invisível
Nas linhas bem comportadas
Esteriotipado
Nos chips da tecnologia
Mas ele continua ali
Presente
Persistente
Pois o fio da história
Não acaba
Enquanto ainda houver vozes negras
Em versos soltos
Ecoando por toda a Humanidade.

Lilian Rose Marques da Rocha

in: *A vida pulsa*. Porto Alegre: Alternativa, 2013

Porto Alegre – RS



Atitude

Você não precisa mostrar para
[ninguém que é bom em alguma coisa.
Todos os dias você trava uma luta
[interna dentro de você e ninguém vê.
É o seu inconsciente tentando libertar seu
[consciente.
É o seu consciente tentando salvar você.
É a coragem tentando vencer o medo,
O grito tentando quebrar o silêncio,
O silêncio tentando acalmar o desespero.
Para cada dia já basta a sua própria aflição.
A aflição dos outros é apenas o problema
[dos outros! Ela não é a sua aflição!
A opinião dos outros não deve ser o seu
[problema agora...
A não ser que julgue isso necessário!

Bruna Clavé

Canoas – RS

Ocaso íntimo

quando chega a estação dos cheiros
é tempo de decifrar enigmas
às vezes um nariz não basta
às vezes é mais que suficiente
e das flores da noite
corto o talo e broto no vaso da sala
para contagiar a casa de respostas
[incontestáveis
pétalas caídas em manhãs seguintes

Ellen Maria

São Paulo – SP

<http://ellenmartins.wix.com/home>

Vaidade & seus subprodutos

Vaidade arde
nas reentrâncias da alma.

Incêndio repentino
de duração combustível.

Em alguns
é explosão
noutros, dissimula.

Vaidade
a idade vai
ela não cessa.

Acesa, destrói
nada soma.

E some-se, subtraída.

Ricardo Mainieri

Porto Alegre - RS

www.mainieri.blogspot.com

**(Sim, a
infelicidade
é metafísica)**

hodiernamente
a senhora ceifadora
me permite sobreviver
e foge dos abraços(meus!)

Antonio Miotto

São Paulo – SP



Distâncias do ventre



hoje vou falar das coisas do dia
da copa das árvores
da correria louca dos monges
do mundo iluminado
que me golpeia na sombra



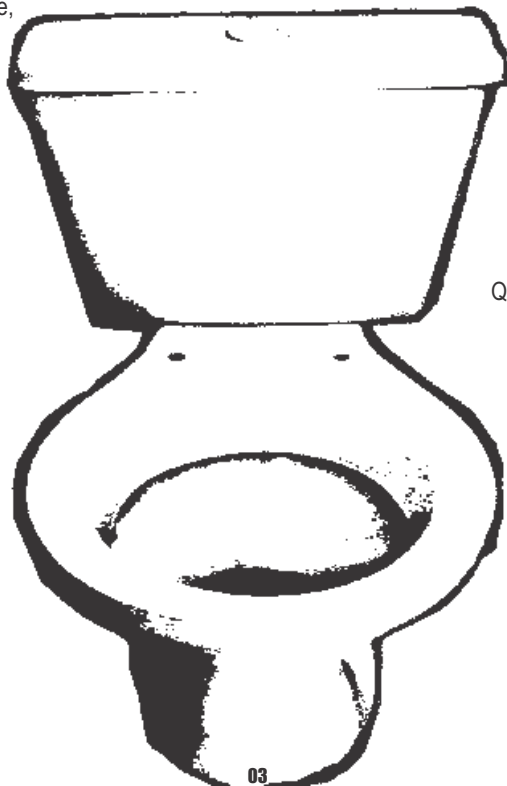
O quadro dessa gente

Pintaram de cinza
o céu que era azul,
com uma tinta de fumaça
do norte até o sul;
também o verde
é uma cor que está ausente,
chaminé e asfalto quente,
é o quadro dessa gente!
O rio virou piada,
quem escuta não diz nada,
transformaram nossa água
no aposento da privada,
na beirada peixe morto,
num produto amarelo,
e quem vivia pela pesca,
hoje vive do martelo!
O estradão que era terra,
que foi rota de tropeiro,
atualmente está pintado
com a cor do desespero,
tem carro e moto,
carro de frete,
caminhão, caminhonete,
só não pode ter charrete!

só me restam pensamentos
que ziguezagueando
se curvam para além do indefinível
formam as ruínas do poente
e a substância dos aromas
nas infantes distâncias do ventre

CFBB

Alcochete - Portugal



Vá

Hoje decidi correr mais riscos,
trocar poesia por rabiscos,
comer mais petiscos.
Fugir das regras, receitas,
[conceitos [e fórmulas
que causam
[mal-estar-bem-estar-mal
onde nunca estarei.
Por bem ou por mal,
vou mandar mais à merda
e dar as costas a quem
[cochicha.
Que se dane o seu mundinho
onde não cabe a minha paz
e a verdade é um chute
[no saco.
Onde felicidade = sucesso
sem cheiro e sem sabor.
O que te serve não
[me apraz.
Vá em paz, conceituado
[rapaz,
Vá à merda.

Edison Gil

Sorocaba – SP
<http://fb.com/siredisongil>

Denivaldo Piaia

Campinas – SP
dmdj@terra.com.br

Do mar

O amor
é o mar
imenso
de ondas
tranquilas.
Eu sou
uma ilha
de areia
no mar.

Do mar
de repente
irrompe
um tsunami
e varre
a ilha.
Do amor
de repente
assoma
a paixão.

Vitor Gans
Nova Petrópolis – RS.

E a canção

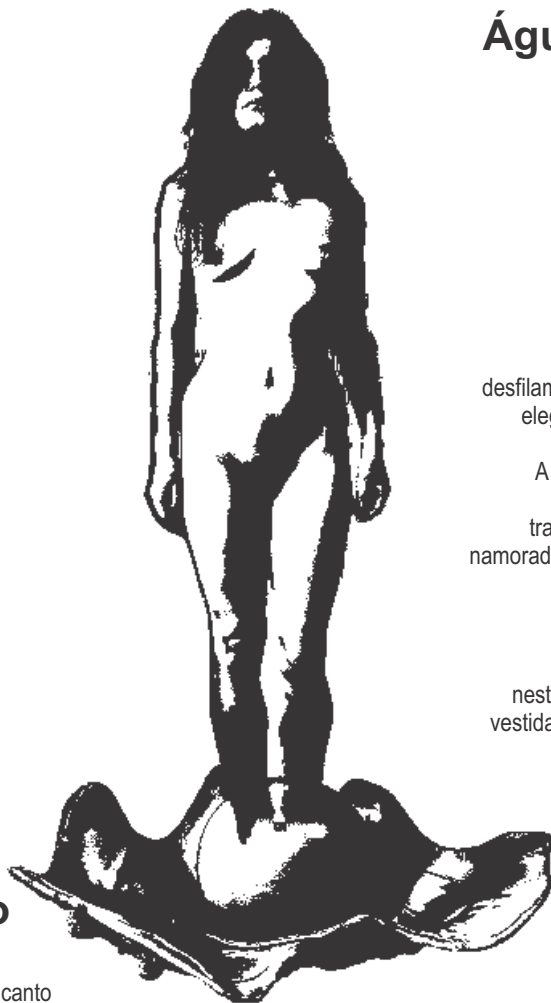
... o galo já elevou seu canto
diante do dia acordando;
mesclando-se beijo agridoce,
oh, pele, camisola de amar.

o silêncio surge das flores
abrindo-se, desejo do olhar
introspectivo, seios desnudos.

oh, melodia dos lábios,
mel dos arcanos sob a seda
esculpida, ais e a canção.

mãos entrelaçadas e o segredo,
tinta para o tinteiro.

Auber Fioravante Júnior
Porto Alegre - RS
auberjunior1962@gmail.com



Águas de verão

A gula me faz exposta
ao sol inda inocente.

Logo ali o arvoredor
se reclina aos infantes que
aguardam águas serenas.

Lasciva e sem pressa,
a piscina transborda
numa algazarra de cores.
Crianças brindam alegrias.

Homens e mulheres-peixe
desfilam nas passarelas aquáticas
elegantes corpos bronzeados.

Debruço-me na sacada!

A tarde se despe sem pudor.

Matizes da aquarela
transmudam o que era azul e
namorados degustam-se em beijos.

Absorvo toda beleza
que os olhos podem visar
e eternizo o momento.

Continuo-me silente
nesta solidão que é só minha e
vestida de fascínio espero a noite
se aconchegar em mim.

Ivanise Mantovani
Porto Alegre-RS.
ivanise9@gmail.com

Meu tempo

O tempo,
aquele dividido em anos,
meses,
semanas,
dias,
horas
e minutos,
este é o comum, insta-nos a fazer contas.

O meu tempo,
a viver;
às vezes sinto ser um renascentista,
um barroco rococó.
Noutros momentos,
tenho a sensação de ser um futurista
dalém de qualquer tempo.

Mauro Andrade Moura
Itaboraí - MG Brasil

Estação São Pedro

Para uma névoa em torno da plataforma da estação
Lembrando-me do filme “O nevoeiro”
Desperto em mim um sentimento de suspense
Minha racionalidade impede-me de sentir medo
Gosto da sensação de perigo

A névoa densa cerca meu horizonte
Os carros passam velozmente
Eu inerte na plataforma da estação
As pessoas nos carros movendo-se
Vivendo mais rapidamente

Pontual

Fui criada para ponto
Ponto em cruz
Ponto de bala
Cozinha e costura: relógio
[de ponto
E eu me mantinha trancada.

Um dia ouvi um ponto
Ponto riscado
Ponto cantado
E a pomba marcou ponto na
[minha vida-encruzilhada.

Hoje não dou ponto sem nó
E, botando os pontos nos ii,
Ponho o ponto final.
Saio bem tarde,
Camuflando a cicatriz dos
[pontos que levei.
Vou pra vida
Vou pra esquina
Onde à noite faço ponto.

Tatiana Alves
Rio de Janeiro - RJ
tatiana.alves.rj@gmail.com

Mas quando penso e escrevo sinto-me em movimento
Numa veloz disparada ultrapassando fronteiras
Meu corpo matéria inerte na estação
Contemplando o nevoeiro belo assustador gélido
Minha imaginação rumando...

Henrique Veber
Canoas-RS

Nossa língua

Nossa língua nos traduz
Apaga o escuro, acende a luz
Em poesia e em prosa
Em João Cabral, Guimarães Rosa
Faz histórias, sensações
Em Fernando Pessoa, em Camões
No xingamento, no afago
Em Drummond, em Saramago
Aqui ou em Portugal
Angola ou Macau
Moçambique, Guiné-Bissal
É tudo diferente e faz tudo igual
Nossa língua nos convém
Nos completa, nos mantém
Nossa língua nos segura
Nos aguenta, nos atura
Nossa é muito louca
Nossa língua
Enche nossa boca

Douglas Bunder
São Caetano do Sul - SP
www.regurgitodeideias.blogspot.com



Leitura das águas

duas noites se encontram
[numa parede sem estrelas
e a pálpebra amanhece rabiscada

os muros se sucedem no ofício
[desmontando trípticos
e com rumores inaudíveis as
[peles se pedem

o sonho se revolve em busca
[da tua folha
preciso um novo alfabeto
[para alcançar tua boca

num lugar do teu braço direito
entre o que penso e vejo
entre risos e estações trocadas
o meu ombro se demora

Jeanine Will

São Paulo SP

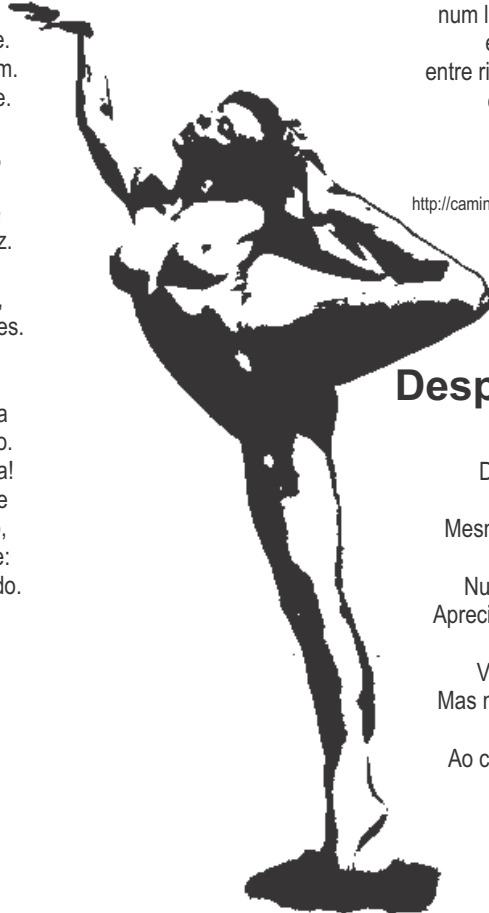
<http://caminhaodemudanca.blogspot.com.br/>

Volúpia

Casou. Portanto está amarrada.
Só, no púlpito, clama ao senhor.
Ausência dele... Falta de amor.
A carne arde e treme revelada.
Aos poucos, do hábito, despe-se.
Os santos olham-na com desdém.
Pensa: Outra chance ele merece.
Clama novamente! Ele não vem
Na falta dele... Imaginariamente,
No peito nu de seu filho na cruz,
Formula de forma meio inocente
O devaneio que ao pecado induz.
Nua e com os seios saltitantes
Roçando nos pelos do seio dele,
Geme contida o som dos amantes.
Beija o ar... Parece senti-lo
Massageando-se no corpo todo;
Corpo de Lascívia pedindo saliva
Trêmulo ante o ameaçar do gozo.
Arrepende-se! Já tarde, está viva!
Toca indecisa o clitóris fremitante
E, com um dos dedos insalivado,
Rompe a pureza! Em tal instante:
Ah! Ah! Mém... Como tendo orado.

Jonatan O Borges

Canoas – RS



Despreocupada

Deixo que o tempo passe
Ele, dizem, cura tudo
Mesmo que sozinha andasse
Pisaria em veludo
Num silêncio somente meu
Apreciando o que encontrasse
Na claridade ou no breu
Vou deslizando sem meta
Mas meus sonhos embalando
Sei dizer a fala certa
Ao contar que estou amando
Descobri-me por inteiro
Revelei-me conteúdo
Acertei o meu ponteiro
E meu relógio diz tudo.

Maria da Glória Jesus de Oliveira

Porto Alegre-RS

madaglor@ibest.com.br

Entre os passos do meu sapato

Trespasso meu corpo
De ultraleve
No meio de um dia-aspirina
Um bilhete-de-guardanapo
Abandonado em balcão de padaria
Intensidade é noite
Por onde ando volante
De caminhão-doce
Sem amante

De outro prumo vou sem juízo
Um rumo metafísico
Verso de engano
Sentimento latino na mão
Gesto dolorido
Um salto tamanho
Voz de soprano
Batendo no asfalto
Sem rede de proteção
Por que não?

Davi Kinski
São Paulo - SP



Aldravia 3

topar
você
nesta
manhã
tão
ensolarada...

Vivian de Moraes
Araraquara/SP
viviandemoraes.blogspot.com

Dos olhos dos outros

Quem me olha será que enxerga
o que carrego em mim?
Eu sou a soma das perdas
e do eterno desabrochar.
O colorido das flores,
a semente a plantar.
Eu soo como o vento,
seja brisa ou ventania.
Sou inconstância,
bravaria
e calma.
Sol-ar,
Amar-elo
em forma humana.
A natureza na sua
plenitude,
infinite
ou simplesmente
eu.

Cristina Macena
São Paulo- SP
Facebook: /cristina.macena.58

Poema envelhecido

encurta-se o tempo.
gastam-se os corpos
enruga-se a pele
encolhem-se os ossos
engana-se a memória
e, na distância,
os olhos param
suspensos no vazio.
as mãos trêmulas
escrevem recados
que vão ser esquecidos

e levam à boca

sabores todos iguais.
o sono
chega várias vezes
em dias claros
e sonha-se a meninice
– talvez hoje
se arranje leite creme

e as laranjas tenham sabor.
encurta-se o tempo
e aumenta o bocejo
na boca seca
em saudade e fado
e hábito de maçã.

Ana Oliveira
Portugal



Muitas eu fiz

fui pintor e arquiteto
criei em blocos sem concreto
fiz cartazes mapas maquetes
castelos de areia destruí

atrás da bola de gude corri
colecionei figurinhas de craques
no bafo do espelho desenhei
encenei o Noé no jardim

aos cinco montei numa bike
e nunca mais parei
empinei cores por um fio
e como Ana C. muitas eu fiz

fui nadador surfista tenista
de mesa e botão como ontem
senti que nem basqueteiro
cem arremessos antes de dormir

já fui pego colando na escola
de beijo na escada caí
ao remontar aqui o quebra cabeças
fez o poema me redescobrir

Ngf*

www.facebook.com/lh3ad
Porto Alegre-RS.

Repetição

as frases são iguais
lapsos da mente
também

repito
plagio
são meus conflitos

Adilson Roberto Gonçalves
Campinas - SP
priadi@uol.com.br

Para o meu amor (imperfeito)

Mais uma vez, o branco me desafia a falar do meu amor
E confesso que, antes, ouço Lenine, Nando e outros Reis
Leio Pessoa, passeio com Eros e, por vezes, casmurro-me

Digo, então, que o amor que me inspira, também me cala
Porque imperfeito, egoísta, humano, ridículo, bobo, triste
Como parece ser de regra para todo sentimento da alma

Assim, flagro as palavras, pobres tolas, zombando de mim
Sem já se saberem poesia, porque juntas hoje e sempre
Espalhadas no papel, de mãos dadas, formando seus pares.

Etimologia

A origem da palavra *bunda* vem dos angolanos bundos, de belas ancas avantajadas, virou sinônimo para nádegas.

Já *merda* é um termo erudito que o ator dizia ao amigo para a este desejar boa sorte na França, no teatro antigo.

Porra vem do alho-porro cujo talo lembra um falo e um líquido segrega, semelhante ao esperma.

Boceta era uma pequena e comum caixinha de rapé, acabou se tornando adjetivo para a intimidade da mulher.

Sendo a fonte o mito da caixa de Pandora que quando aberta, tanto o mal liberta como o pau devora.

Simião Mendes

Goiânia – GO

<https://www.facebook.com/poemasdesimiy>



Lenilson Oliveira

facebook.com/lenilsonoliveiracz
Cajazeiras - PB

Sombras

as sombras não
[escondem a verdade.
são parte de.
definitivamente.
são pedaços.
são lembranças
ou então nos mentimos.
as sombras prolongam os sentidos
ou então nos cegamos.
as sombras acobertam temores,
acumulam terrores, maquiagem medos
ou então nos fingimos.
não é fácil aceitar as sombras
(nosso primal cordão umbilical)
concordar que comemos
das mesmas ventanias frias
das velas escondidas
do coração vendado.
as sombras são rostos fechados,
os nossos rostos fechados,
os quais nos acovardamos
de encarar.

Claudinei Vieira

Guarulhos- SP

Mariana

Teixeira

Mariana Teixeira mexe com as palavras por vocação e por sobrevivência. Ela é redatora publicitária experiente mas, principalmente, é poeta. Autora dos livros ‘Inversos Paralelos’ (JAC Editora, 2013) e ‘O que tirei da mala’ (Editora Patuá, 2015), escreve em seu blog ‘Correndo com os dedos’

(www.correndocomosdedos.blogspot.com.br), na página do facebook ‘Poesia das Horas’ e tem textos publicados nos dois volumes da antologia ‘Hiperconexões: realidade expandida’ (Editora Terracota, 2013 e Editora Patuá, 2014), a primeira antologia de poemas sobre o pós-humano da literatura brasileira, organizada pelo escritor Luiz Brás. Em 2014, participou do Festipoa – Festival Literário de Porto

Alegre, declamando poemas de seu primeiro livro e, em 2015, esteve na Bienal Internacional do Livro de Pernambuco. Mariana Teixeira é Gente de Palavra.

RMM



Recomeço

coloco
e tiro
recoloco
e retiro
das caixas
a falta
de rotina
que acostumei
a ter

acumulo
mais recomeços
do que fins

Mariana Teixeira
São Paulo – SP



na madrugada,
sutil, a luz da lua
entra pela minha janela

abstratas
entre meus medos
e minhas duvidas,
gota a gota
as palavras mancham o papel.

meu coração sangra
por meio dos versos da poesia.

“A minha mão é a minha espada”.

A filha pródiga

Eis que Lilith já crescida
um dia resolve espiar pelo muro
Ela vê um errante ermitão
cultivando ervas de um outro mundo

Santa marias e glórias da manhã
não eram permitidas no jardim
Fascinada e distraída
tropeça, rompe a cerca
e cai num fosso que parecia sem fim

Por sorte, o ermitão
a toma nos braços
antes que se machuque
e, sem quaisquer rodeios,
se apaixonam, numa troca de olhares

E Deus disse: "Como caíste do céu,
ó estrela do amanhã,
Minha filha alva!
Comeste da árvore do conhecimento
Nunca mais saberá o que é o paraíso
Tua dor, tua vida será só tormento"

A princípio, ela e Samael sofreram
Lilith achou que ele agia de má fé
Porém, ficando um do lado do outro,
ela teve a paz e o direito de saber
a dor e a delícia de ser como é.

Nathália Dumit
Rio de Janeiro

Madalena Ferrante Pizzatto
Curitiba – PR
madalenafp@yahoo.com.br

Últimas notícias

quando vi seus pés
senti notícias de
despedidas
algo como uma
manchete
de última hora
escândalos
explosões
viagens lunares
continuou pela rua
contou todas as luas
na curva sem fim
partiu

JPetermann
Campinas - SP



O doce e a lama; o Sena e o sangue.

A água que deságua em mim
agora é lama e sangue.
O meu oceano que sobrevive
em meio ao caos, mercúrio e sangue dos inocentes.

Entre as vidas que não voltam e as que ainda irão,
a ganância que promove o terrorismo e a miséria.
Como uma onda (sonora) meu oceano grita:

Somo todos um!

Fernando Monfardini

Cariacica- ES.
@fernandomonfardini

(a)MAR

O mar estava triste
chamei-o p'ra, de poeta, brincar:
"Finja que é rio".
"Como se faz?" – ele disse.
"É fácil, é só você ri-mar".
E então o mar "só-rio".

Marcelo Rutshell

Guaíba – RS
fb.com/versosuni.com

Escandindo

Infelizmente,
o infeliz
mente.

Maltratado,
o mal
trata
do infeliz...

Que respirando a res,
pira.
Ando infeliz.

Demente,
de mente conturbada,
contente, pressinto
e sinto:

Estou feliz!

Mau é quem diz:

Tente!

Minha mente
está conturbada,
demente!

Nijair Araújo Pinto

Iguatu – CE
recantodasletras.com.br/autores/Nijair



Marilyn

já é tarde, dorme a loura
o seu sono sereno; sonham as mães
com seus pequenos, pedem a deus
que cresçam livres de todo mal.
NEMBUTAL! NEMBUTAL!

os médicos nada sabem, nada sabe a cia.
só as tias, mas bebem gim nesta hora:
silenciam as americanas senhoras
coast to coast, em cada capital.
NEMBUTAL! NEMBUTAL!

depois de mortos os kennedys
e do adeus aos soldados nos portos,
quem se lembrará? quem,
depois de Cuba, Vietnã, Napalm?
NEMBUTAL! NEMBUTAL!

quem guardará o nome de todas
as louras tristes? não serão
Hollywood, a América e a vida
uma fantasia heavy metal?
NEMBUTAL! NEMBUTAL!

Sergio Almeida
Nitheroy - RJ Brazil

Canção da lua nova

Hoje, na noite mais bela,
eu vou ficar aqui sentado
lendo o infinito do mar
nas marcas ausentes na areia,
ouvindo barulho além mar,
colhendo, neste lírico pomar de estrelas,
um olhar distraído e vago no infinito.
Vou vestir os olhos sossegados
na lua calma, doce, serena
unindo-me à boêmia,
bebendo nas manhãs
o refresco da brisa suave
na canção da lua nova.

Adão Wons
adaow@ibest.com.br
Cotiporã - RS - Brasil

Depois de tudo

atrás do muro florido
espias minhas letras
e me tocas com teu olhar

nem sinte-se assustado
nesse jardim atapetado
de heras, palavras e flores

depois do medo acomodado
e nós cansados por nada saber

e tudo já tiver sido dito
e o pelo não eriçar

depois de tudo
exaustos, largados
enrugados, acabados

depois de tudo, eu juro
ainda volto a te namorar

Benette Bacellar
Porto Alegre - RS



Sombra

Sombra de sombra é o que somos!
Projetadas pela imposição da luz
vamos seguindo feito gêmeos pomos,
rumo ao horizonte que nos seduz.

Unidos na pressa ou na mansidão
Imitamo-nos constantemente.
Desaparece envolta na escuridão,
no brilho da luz se faz presente.

Nossa frágil existência é irreal?!
Sempre parte quando a noite desce,
por certo, planeja uma saída triunfal,
assim que a luz se vai, desaparece.

Oh! sombra que gesticula e zomba,
espectro que, ao meu lado, caminha!
Será que é você a minha fiel sombra
ou serei eu a sombra da sombra minha?

Oca
São Vicente - SPil
araujo.olimpio@hotmail.com



Voo sináptico

Destacam-se os teus olhos na fumaça,
Esvoaçada pintura emerge em mim;
O vislumbre infesta-me a alma – assim,
Estanque! agora: desfocada graça

Manifesta no ar desta vagueação...
Detrás de minhas pálpebras dormentes,
O olhar agudo e sonhos eloquentes
Alçando o voo da mi'a imaginação...

Venho saudar na mente a luz e a sombra
De mim, criatura do meu devaneio!
Sofro a histeria de minha sobriedade

(Ao saborear o delírio que me ensombra,
E quase me afogo em meu próprio anseio)...
Graças da afrenia... asas da verdade!

Thiago Nelsis
Uruguiana - RS
thiagonelsis.adv@gmail.com

O Senhor das Jades Sepulcrais

O escritor no cubículo repousa:
As Jades Sepulcrais fendem o escuro
Assim como os relâmpagos lá fora
Irrompem do passado e do futuro.

Curvado como um velho caminhante,
As palavras com formas ele pinta...
Têm formas vasculares como o sangue
Que lhe serve ao poema como tinta.

Apesar da noturna escuridão,
Os relâmpagos deixam que se veja
De relance o vermelho no papel,
Vermelho como o vinho numa igreja.

E as palavras, idênticas ao vinho,
São sempre simbolistas e duais:
Assim é tudo escrito e contemplado
Pelo Senhor das Jades Sepulcrais!

Jaime de Andruart
Porto Alegre - RS
<https://www.facebook.com/jaimedeandruart>

Por palavras

"*Eu madrugo às tuas palavras*"
(Oscar Flórez Tâmara)

Por palavras, existo
e me desperto cada dia
deste impossível sonho
do amor no espaço;
distante passado sem futuro
com terceiras razões
e um coração desmaiado...
De que vale queixar-se?
As palavras não nos alcançam:
demasiado aberto
está o céu entre nós...

Teresinka Pereira
Estados Unidos

A casa e o rio

Veia poética
telha, a ética
veja, querida.

Veio do rio
nós dois, o rio
nós dois, a vida.

Longe, o rio
longe, a sua
possível meninice.

Longe do rio
longe, a minha
possível fantasia.

Veja, querida
vejo a ética
e vejo o rio.

Nós dois, querida
nós dois e a vida.
Veia patética.

Rogério Miranzelo
Belo Horizonte – MG
rogerio@miranzelo.com

Ave inominável

Construo pontes sobre o meu silêncio
e elas são indecifráveis
como o parto do poema
escrever é alinhar com arame
a palavra sempre
menos exata que o corte

pra descobrir o presente
há que se desmanchar o nó
do laço que abraça
o embrulho

faz preciso ser quem se é
desvelar o segredo do pássaro
: você é em tudo que há

[Pássaros não voam de ré.

Michele Santos
São Paulo- SP
michele.s.souzaa@gmail.com



Poste de Luz
a chuva fina
ilumina a rua

Diego Petrerca

Porto Alegre - RS

<http://www.ladodentro.blogspot.com.br/>

Maquia dor

Tristura maquiada
é textura de poesia,
lágrima vítrea que se quebra
estilhaçando alegria.

Odair Fonseca de Souza

Canoas – RS

odairteatro@gmail.com



Soneto da resposta

O tempo e o espaço fascinam a humanidade.
Na busca por respostas formulam-se teorias.
A Ciência caminha em busca da Verdade,
Revelando mistérios e legando sabedoria.

Os tempos passado, presente e futuro:
A História, o efêmero e o imprevisível.
Ainda não sabemos de onde somos oriundos,
Mas procuro a resposta que seja mais crível.

Pelas veredas da Arte eu me aventuro
Absorvendo toda a inspiração poética
Que me é concedida pela Natureza.

Na existência do teu ser, eu procuro
Uma resposta de condição estética:
Como podes deter tamanha beleza?

Daniel Brito

São Paulo/SP

<http://zineprotestizando.blogspot.com.br/>

Pedras no caminho

Havia pedras no caminho do rio
a água, então, desviava-se sabiamente.
Havia pedras no caminho daquela menina.

Descobriu então, por entre as
pedras no meio do caminho,
os desvios da poesia.

Lastimava tanto aqueles obstáculos.

No caminho, descobriu então, a poesia.

Arrancou-lhe suspiros,
a fez flutuar sobre as pedras no caminho,
sorriu dos tombos,

fez das quedas, poesia.

Das lágrimas, da solidão
saíram belos versos, então.

Janiele Marinho

Bom Conselho- PE

<https://www.facebook.com/janielemarinho>

convertem bope em ibope
o pm da tropa de elite
vizinho do amarello, acredite
eles só querem nossa morte

escravos da nova idade média
rodeados por telas brilhantes
antes da cidadania, amnésia

Felipe Magnus

Porto Alegre - RS
felipemagnus.com

Palavras para a vida

Palavras são vida

Saem de nós como
Água jorrando da fonte

Criam poesia como
O grandioso horizonte

Elevam-nos como
Uma ponte

E fazem dos sonhos do íntimo
Poesia alheia.

Mas, antes que delas eu me desprova,
Hei de usá-las para delas mesmas falar:

Palavras vão haver
Até quando não mais alvorecer

Para saciar toda alma
Que anseia resplandecer.

Ronaldo Henrique Barbosa Junior

Campos dos Goytacazes-RJ
RHBj10.wix.com/RHBj



Grão de areia

Como posso o tempo perder
se este não me pertence?
Apenas por ele me movimento,
sem a ele poder conter,
sem importar com que pense.
O ar me sopra qual vento.

Feito o verde mar, gigante,
e eu sendo apenas um peixe
que cruza as águas desatento.
O tempo engloba-me adiante...
Como posso o mar perder? Deixe...
Indifere correr, ou passar lento.

Se diz que eu perco meu tempo,
realmente não me importa.
Apenas colho o que dele transpasso,
não tenho como fazer um cerco
se é ele que me comporta...
Ele é mar, é ar, ele fica, eu passo

Arnault L. Dias

Praia Grande - SP
aldias01@gmail.com

Agonia

Na escuridão do vazio jardim,
Um vulto do mundo se esquece;
Em agonia dolorosa, sem fim,
De tão frágil, o vulto se desfalece.

Vulto estranho... Quietos... Absorto,
Na mais profunda meditação;
Parece o vulto já estar morto,
Aguardando ansioso, a ressurreição.

Quem seria o vulto misterioso?
De aspecto funéreo, tenebroso
E que agonia o consome?

De repente, vi que era um homem
Que sofria a pior das agonias...
A agonia de morrer de fome.

Zecarlinho

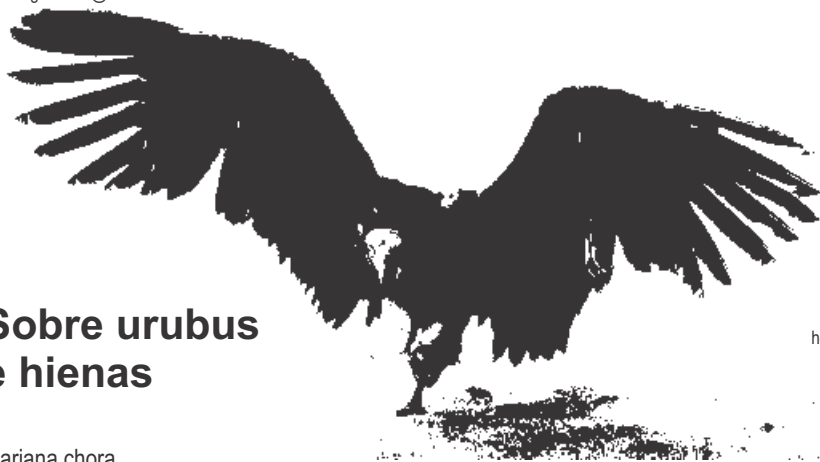
Cândido Mota-SP
jose-carlos1408@bol.com.br

Dissintonia

A gente se abraça, mas não se aquece
A gente sonha, mas não acorda junto
A gente se olha nós olhos e não se vê
Estamos distantes, mas moramos em frente
Estamos rasos enquanto desejo o profundo
Afinal, estamos como somos
Apenas... como sempre fomos
Uma sintonia não sentida

Hero Rodrigues

Aparecida – SP
washingtonhero@hotmail.com



Sobre urubus e hienas

Mariana chora,
Marias, Françaos, Joãoos também.

Tem barro na minha casa,
tem sangue no meu portão,
tem grade na minha escola.

Do cume, urubus saltitam:
–Nunca vi tanta comida.
Tem hienas a regozijar:
–Oras, claro, já era de se esperar!

Tem planta que colhe bem,
tem raiz que fica a sugar.
Minha pena virou refém
segue sem tinta a rabiscar.
Mas eu, eu mesmo,
tenho um menino dentro de mim,
que insiste em verso e dança.

Tales Jaloretto
Mauá - SP

Nós & a rosa

mais pétalas
despetaladas
olham-te
lá do chão

– e choram:
“malmequer...
malmequer...
malmequer!...”

também choro:
choro pela rosa,
pelo mundo,
choro por ti;

eu choro,
choro em silêncio:
à rosa, a ti...
por mim.

Hélio Sena
Massapê – CE
heliosena@rocketmail.com

Pela noite ansiosa

na noite ansiosa
pelo respirar fugaz de seus
[instantes
uma folha prende-se a outra
um jacaré boceja com seus olhos estrelados
um tatu bola suspira
os pássaros não piam
(exceção faz-se às corujas)
a solidão vomita
o lobo perscruta
a lua ovalada quase sangra
e um homem escondido
ama...

Milton Rivaldo Trindade
Porto Alegre - RS

Respeitável público

O circo encanta com sua lona em círculo
Palhaços com malabarismos
Crianças com olhos vivos
Vidradas no espetáculo
Tudo é chamativo

O cheiro de pipoca e a poeira
O burburinho e as gargalhadas
O picolé e a criança

A lona colorida resiste
E as bandeirolas a tremular
A brisa mansa que passa a soprar
O espetáculo tem que continuar!

Leandro Martins de Jesus

lmartinsj@gmail.com
Itapetinga - BA.



Diafragma

Prende
o
ar
Solta a voz!!!

Marcelo Ignácio
São Vicente- SP

Flores artificiais

Desenterrei todos meus medos,
logo após o café.
Quis enfrentá-los um a um.
Decidi não ser mais covarde,
um cão que foge no primeiro grito.
Joguei todas as flores artificiais pela janela.
Queria vida no vaso.
Uma flor verdadeira,
para vê-la morrer lentamente
e assim lembrar todos os dias
que não sou eterno.
E o que deixarei para esse mundo
são rascunhos.
Folhas e mais folhas com meus versos.

Paulo Monteiro
Manaus – AM
paulomonteiro1991@gmail.com



Esta edição:
150 exemplares.

Revisão:
Michelle Gonçalves Hernandes

Projeto gráfico e diagramação:
Renato de Mattos Motta

Redação:
Renato de Mattos Motta

Conselho Editorial:
Celso Sant'Anna, Diego Petrarca e Erivoneide Barros

Conselheira Especial para Língua Espanhola:
Lota Moncada

Porto Alegre, dezembro de 2015.

Editado e impresso em Porto Alegre por Gente de Palavra Microeditora
www.gentedepalavra.com.br
gentedepalavra@hotmail.com